



Kellezy Severo e o poder da música

Felipe Swaidt / 18 de abril de 2024

Perfil | Mestranda em práticas interpretativas na flauta doce relata sua trajetória de envolvimento com projetos sociais, desde a formação na Orquestra Villa-Lobos até a posição de maestrina da Orquestra Jovem do Theatro São Pedro

*Foto: Marcelo Pires/JU

"Eu sou lá da Lomba do Pinheiro, da comunidade da Vila Mapa." Assim começa Kellezy Severo a me contar sua história. Num dia chuvoso de outono, sentamos junto a uma longa mesa no Memorial do Theatro São Pedro, em meio a fotografias na parede e um leve odor de mofo pela umidade dessa espécie de porão localizado abaixo do foyer.

Ali mesmo em sua comunidade, ela encontra, aos 10 anos, a oportunidade de ingressar no universo da música: a jovem Orquestra Villa-Lobos, na época em seu quarto ano de existência. Iniciou na flauta doce e, conforme o projeto foi crescendo, pôde estudar também violoncelo.

"Fui criada pela minha mãe", relata Kellezy. Como ela saía cedo e chegava à noite, o projeto social foi de extrema relevância em sua formação. Lá encontrou referências positivas. "Eu sou muito grata e acho que as escolhas profissionais que hoje tenho são totalmente em relação a essa vivência que tive na minha infância. Então, eu tive a oportunidade não só da formação musical, mas das minhas relações, da convivência, da importância de um apoiar o outro, de tocar em grupo, dessa questão do coletivo. Tanto que acho que hoje tudo que eu faço na minha vida é sempre rodeada de muitas pessoas."

Seu perfil, explica, sempre foi de alguém em busca de contribuir para os processos coletivos, engajada no funcionamento dos projetos, tudo como uma retribuição às oportunidades que recebia. Quando estava no final do ensino médio, passou a ajudar nas aulas até se tornar responsável pela parte da iniciação musical, e assim foi se descobrindo como educadora musical, enquanto, paralelamente, estudava o instrumento. "Conforme fui me descobrindo como professora, a música foi cada vez mais me encantando."

O caminho para a vida adulta

Esse encantamento e confiança na música se sustenta na sua própria experiência como aprendiz. "Eu sempre falo, quem me conheceu pequena sabe: eu era bem arteira. A minha primeira apresentação, minha mãe não esquece até hoje. Elatava mais atrás e a reação das minhas professoras era: 'Eu não acredito que é a Kellezy no palco!'. Eu assim com a flauta, toda concentrada, e elas chorando. Elas estavam em choque que eu tava parada ali concentrada. Então eu sei o poder que a música tem", atesta.

"Eu tenho a certeza do quanto a música pode sim contribuir dentro desse processo de formação cognitiva, emocional e nas relações, de saber se portar, de saber a maneira de falar"

— Kellezy Severo

Segura agora dessa trilha, no momento em que concluiu o ensino médio, a incerteza do futuro trazia insegurança, colocando em questão a escolha profissional pela música. "Eu não tinha dúvida do que eu queria. Era isso que eu queria para mim, mas eu não sabia se iria dar certo", relembra. Acrescenta-se a isso o fato de que Kellezy foi a primeira aluna do projeto da Orquestra Villa-Lobos a entrar numa faculdade de Música. Ou seja, era um caminho ainda não testado.

Na UFRGS, passou na prova específica para flauta doce, mas não foi aprovada no vestibular. "É isso até hoje é o nosso calcanhar de Aquiles: os nossos alunos passarem na prova específica e o vestibular ainda ser um desafio", reflete. Foi no Instituto Porto Alegre (IPA) que ingressou na Licenciatura em Música. Para cobrir os custos da graduação, conseguiu uma bolsa pela Associação dos Educadores Populares de Porto Alegre, já que atuava como educadora em projetos sociais. Também cursou o técnico em instrumento musical na Faculdade EST, em São Leopoldo.

Começou a se aventurar fora da comunidade e atuou em diferentes projetos sociais. Por muitos anos esteve no Projeto Vida com Arte, na Unisinos, em São Leopoldo, iniciativa idealizada pelo maestro Evandro Matté. Posteriormente, veio a trabalhar em um núcleo em Porto Alegre montado junto à Associação Santa Zita Lucca, na comunidade Maria da Conceição.

Eventualmente, o projeto se encerrou, mas ela seguiu para dar sequência ao trabalho lá. "As organizadoras acreditam no quanto a música tem esse potencial de sensibilizar, porque essas crianças vêm de um ambiente de extrema violência. Eu acho que a música também tem esse papel de dar uma aliviada nessas questões que infelizmente as crianças vivenciam no seu dia a dia."



Foto: Marcelo Pires/JU

Um passo à frente

Após assumir a Orquestra do Theatro São Pedro, o maestro Evandro convida Kellezy para ser a coordenadora pedagógica do projeto da Orquestra Jovem do Theatro São Pedro. A iniciativa atende hoje 120 crianças e adolescentes, com turmas de iniciação musical, flauta doce, musicalização, percussão e cordas.

"Eu atuo na equipe de cordas e comigo tem uma equipe de seis professores – dois deles foram meus alunos lá no projeto da Orquestra Villa-Lobos"

— Kellezy Severo

O início da Orquestra Jovem foi com um grupo reduzido, ainda na pandemia – em julho comemoram três anos. Aos poucos, conforme as coisas foram melhorando, foram ampliando. Desde o início têm uma parceria com o Instituto Providência, que é uma instituição social no centro de Porto Alegre. As crianças vão até o teatro pra ter aula.

Em parceria com a instituição, o projeto conseguiu este ano iniciar um curso de jovem aprendiz. Os alunos da Orquestra Jovem têm carteira assinada, em parceria com o Zaffari. "Eles chegam na adolescência, têm as necessidades deles e ainda precisam ajudar em casa. Desde o início buscávamos uma forma de poder dar pelo menos uma ajudinha para aqueles que querem ter mais uma oportunidade de se descobrir, já que aqui a gente não trabalha com uma meta de que todo mundo vai ser músico."

"A gente tem o projeto como uma oportunidade de se descobrir, de se beneficiar de tudo que a música pode proporcionar. Eu acho importante sim acreditar que é possível, mas tem que dar pelo menos uma condição para que esse jovem possa ter esse sonho. Então por isso que eu sempre tive essa preocupação e graças a Deus a gente conseguiu essa conquista do curso de jovem aprendiz em música aqui no projeto"

— Kellezy Severo

Essa preocupação pessoal com os alunos está atrelada a como ela compreende sua posição de maestrina da orquestra. Ela explica que isso surgiu, já de muitos anos atrás, da necessidade de liderar os grupos musicais.

Para Kellezy, a maestrina é muito mais do que uma líder musical, ela é uma gestora do grupo. É preciso cuidar das pessoas que fazem parte, das famílias que estão inseridas naquele trabalho.

"Não estudei para ser maestrina. Me tornei uma conforme o trabalho foi crescendo e a necessidade foi surgindo. O meu trabalho exigiu que eu tivesse essa incumbência e eu encarei"

— Kellezy Severo

Novos desafios

Além de estar à frente da Orquestra Jovem do Theatro São Pedro, Kellezy também é professora de música do Colégio Marista Champagnat e, desde o ano passado, cursa o mestrado em práticas interpretativas em flauta doce, com orientação de Lucia Carpena, no PPG em Música da UFRGS.

"Sempre sonhei em fazer um mestrado, mas sabe que eu não me imaginava, nunca pensei que fosse conseguir. Quando eu vim para o projeto no Theatro São Pedro e me deparei com esse monte de músico e vendo o nível técnico das pessoas, eu pensei: 'Não, só um pouquinho, os meus alunos estão evoluindo e eu preciso estar preparada para atender eles, eu tenho que me capacitar, de alguma forma eu tenho que tentar."

Kellezy afirma que está fazendo o mestrado para si – "eu tô sempre fazendo tudo para os outros". Seu objetivo é crescer profissionalmente. Ainda assim, não pode deixar de ver como isso refletiu nas pessoas a sua volta. "Os meus alunos veem a dedicação e o estudo."

"Tô muito feliz, pra mim entrar na UFRGS é a realização de um sonho, não esperava que eu pudesse estar nesse lugar. Ainda é algo distante para quem vem de onde eu vim"

— Kellezy Severo

Depois de encerrar o trabalho com a Orquestra Jovem, ela permanece no espaço do Memorial do Theatro para estudar até as 10 ou 11 horas da noite, quando o esposo e o filho de sete anos vêm buscá-la para voltar para casa na Lomba do Pinheiro.



Foto: Marcelo Pires/JU

:: Posts relacionados



O canto de Bruno Cardoso

Caroline Garcia e a força da dança cigana

O sotaque próprio do samba-enredo no Rio Grande do Sul

Gonzalo Lamego e Saturna, as duas faces de uma estrela

INSTAGRAM

REALIZAÇÃO

CONTATO

JORNAL DA UNIVERSIDADE

UFRGS SECOM

UFRGS

Jornal da Universidade
Secretaria de Comunicação Social/UFRGS

Av. Paulo Gama, 110 | Reitoria – 8.andar | Câmpus Centro |
Bairro Farrroupilha | Porto Alegre | Rio Grande do Sul | CEP:
91040-060

(51) 3308.3368

jornal@ufrgs.br